

Crítico seleciona trabalhos de artistas brasileiros para exposição na Inglaterra

ANTONIO GONÇALVES FILHO

Da Reportagem Local

A galeria Hayward, em Londres (Inglaterra), abre suas portas, provavelmente em maio ou junho do próximo ano, para uma monumental exposição de arte latino-americana dos anos 50 e 60, sob a curadoria do professor de História da Arte Dawn Ades, inglês como o crítico Guy Brett, 45, que está no Brasil selecionando os artistas para participar da mostra. Brett, autor de vários ensaios sobre arte brasileira publicados na Inglaterra —principalmente sobre o trabalho de Lygia Clark, que morreu recentemente—, esteve em São Paulo pesquisando nomes junto a alguns participantes do movimento concreto e concedeu anteontem uma entrevista exclusiva à **Folha**.

Brett não adiantou quem deverá integrar a exposição, mas revelou que pretende escolher, no máximo, oito artistas, aproximadamente uma centena de trabalhos. "Creio que é melhor reduzir o número de participantes, levando mais obras para que o público possa ter uma visão precisa da trajetória de cada artista, ao contrário do procedimento adota-

do na mostra 'Modernidade', que acabei de ver no Museu de Arte Moderna de São Paulo, e sobre a qual é difícil concluir alguma coisa", diz.

Pela lista de preferências de Brett e seus ensaios publicados em livros como "Arte Cinética" e "Through Our Own Eyes", uma provável lista pode ser encabeçada por Lygia Clark, seguida por Hélio Oiticica, Sergio de Camargo e Mira Schendel, representando o Brasil, e, pelo lado venezuelano, dois artistas que vivem em Paris e têm a mesma idade, 65, o cinético Jesus Raphael Soto e o "op" Cruz-Diez, como os demais (com a exceção de Oiticica) vinculados ao Gabinete de Arte da "marchande" Raquel Arnaud. Anteontem, Brett passou o dia inteiro a seu lado à procura de relevos de Sergio de Camargo dos anos 50. De Lygia Clark encontrou trabalhos pertencentes à coleção particular de Raquel Arnaud, mas não conseguiu localizar obras de Mira Schendel dos anos 50 e 60.

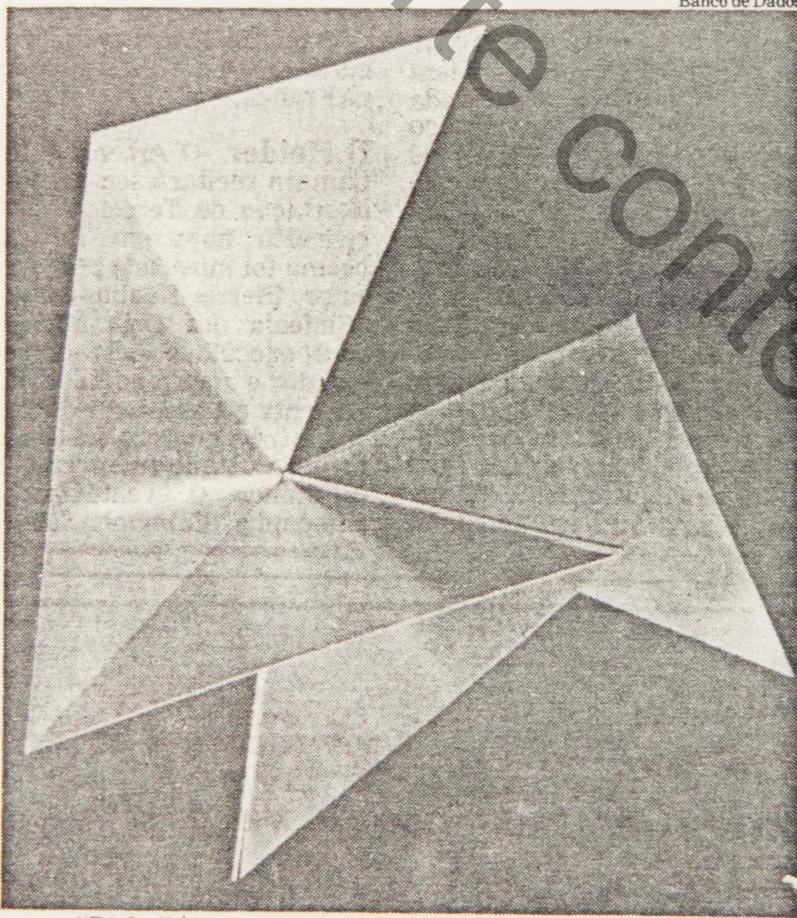
O crítico inglês também foi à exposição do pintor Hermelindo Fiaminghi na galeria Montesanti, em São Paulo, e se mostrou interessado

pelos trabalhos do artista plástico José Resende, mas, como vai concentrar seus esforços na produção de três décadas atrás, esses nomes estão praticamente fora da lista dos participantes da exposição londrina.

Guy Brett visitou pela primeira vez o Brasil em 1965. Veio para a Bienal de São Paulo e já conhecia o trabalho de Lygia Clark. "Quando vi os de Oiticica fiquei impressionado. Tinha certo parentesco com os projetos desenvolvidos por Barnett Newman e Sol LeWitt, mas, de alguma maneira, se afirmava diante deles", diz o crítico, classificando Lygia, Hélio e Sérgio de Camargo de "herdeiros de Malevitch e Mondrian". Nesta sua mais recente passagem pelo país, Brett não fez descobertas tão grandiosas. "Pelo menos nada que se compare ao trabalho de Lygia Clark", observa.

Curador de uma exposição sobre a arte da República Popular da China realizada na Inglaterra em 1976, Brett demonstra que seu interesse não converge apenas para o abstracionismo. Surpreendentemente, não há trabalhos, em "Through Our Own Eyes" (GMP Publishers, 1986, 157 págs, 8.95 libras), que não sejam figurativos, dos bordados populares chilenos denunciando arbitrariedades políticas no país à arte engajada dos negros africanos vítimas de colonizadores belgas. Crítico engajado, que presta homenagem a Brecht em quase todos os seus ensaios, Brett se recusa a ver a arte popular como uma manifestação de interesse relativo. "Quanto mais intensamente essas imagens criadas por artistas do povo expressam uma realidade local, mais globais elas parecem", diz.

Nesse mesmo livro Brett conta todo o episódio da base de mísseis nucleares de Greenham Common, no começo dos anos 80, quando dezenas de pessoas promoveram um protesto artístico "monstro" sobre as cercas de arame farpado que guardavam 96 mísseis americanos. Classificando o ato de "arte participativa", o crítico mostra como a colocação de objetos sobre as cercas (de fotos com crianças sorrindo a ovos pintados com o símbolo da paz) tinha em comum com o suprematismo de Malevitch (um dos pioneiros da arte abstrata na União Soviética dos anos 20) uma postura igualmente revolucionária enquanto criação artística.



"Bicho" (1960, alumínio anodizado), de Lygia Clark